

## OS EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO NOS PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DOS BLOCOS ECONÔMICOS

*Fernanda Calil Petri*<sup>1</sup>

Beatriz Teixeira Weber<sup>2</sup>

**RESUMO:** Por ser um fenômeno amplo, o qual afeta os diferentes setores da sociedade e as relações com as quais permeiam a humanidade, evidencia-se neste ensaio, um detalhamento do aspecto histórico e econômico da globalização, bem como sua relação com a integração e a formação dos blocos econômicos

**PALAVRAS-CHAVES:** Globalização; Estado; Integração; Blocos Econômicos.

### 1. INTRODUÇÃO

A expressão "globalização" tem sido utilizada, mais recentemente, num sentido especialmente político/ideológico com importantes conseqüências econômicas e sociais.

Observa-se, na maioria das nações, um processo de integração econômica realizado sob a égide do neoliberalismo, caracterizado pelo predomínio dos interesses financeiros, pela desregulamentação dos mercados, pelas privatizações das empresas estatais, e pelo abandono do Estado de bem-estar social.

Esta é uma das razões dos críticos acusarem a globalização, de ser responsável pela intensificação da exclusão social (com o aumento do número de pobres e de desempregados) e de provocar crises econômicas sucessivas, arruinando milhares de pequenos empreendimentos.

Objetiva-se tratar a globalização sob a perspectiva histórica e abordar o sentido ideológico do termo, para que se possa melhor compreender o que é e como ocorre.

Sob a perspectiva econômica, o texto trilha o caminho da atuação das multinacionais neste processo de globalização e as novas formas de ajustes das corporações, vinculando o Estado e as implicações do fenômeno na postulação do mesmo.

Por ser um fenômeno amplo, que afeta diferentes setores e as relações com que as quais permeiam a humanidade, evidencia-se neste ensaio, um maior detalhamento do

---

<sup>1</sup> Bacharel em Fisioterapia pela UFSM. Mestre em Integração Latino-Americana pela UFSM. Professora na UNISC.

<sup>2</sup> Pós-doutora pela Fundação Oswaldo Cruz e doutora em História Social do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas Professora da Universidade Federal de Santa Maria.

aspecto histórico e econômico da globalização bem como sua relação com a integração e formação dos blocos econômicos.

## 2. HISTÓRICO DA GLOBALIZAÇÃO

Alguns autores<sup>3</sup> consideram como início da globalização a era das navegações, outros<sup>4</sup> por sua vez, só conseguem percebê-la a partir de meados do século XX.

Das diversas potências que existiam em 1914 (o império britânico, o francês, o alemão, o austro-húngaro, o italiano, o russo e o turco otomano) só restaram depois da 2ª Guerra, duas superpotências: os Estados Unidos e a União Soviética.

Com o desabamento das antigas metrópoles, os povos coloniais obtiveram a sua libertação e formaram novas nações. Mesmo assim, ainda que algumas independentes e outras neocolonizadas, continuaram ligadas ao sistema internacional.

No decorrer do século XX três grandes projetos de liderança da globalização conflitaram-se entre si: o comunista, inaugurado com a revolução bolchevique<sup>5</sup> de 1917 e reforçado pela revolução maoísta<sup>6</sup> na China em 1949; o da contra-revolução nazi-fascista que, em grande parte, foi uma poderosa reação direitista ao projeto comunista, surgido nos anos de 1919, na Itália e na Alemanha, estendendo-se ao Japão, que foi esmagado no final da 2ª Guerra Mundial, em 1945; e, finalmente, o projeto liberal-capitalista liderado pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos.

Com o término da Guerra Fria e o fim da bipolaridade, estabeleceu-se um consenso em esfera planetária que a literatura definiu ora com os termos de *globalização*, ora de *nova interdependência*, ora de *neoliberalismo*. O mundo parecia uniformizar-se nos aspectos tanto ideológico, quanto político, econômico e estratégico.

O consenso neoliberal global postulava a implementação dos seguintes parâmetros de conduta por parte dos governos de todo o mundo: democracia, direitos humanos, liberalismo econômico, cláusula social, proteção ambiental e responsabilidade estratégica solidária tendo em vista a promoção de tais valores. Como esse consenso

<sup>3</sup> Adriano Benayon. *Globalização versus desenvolvimento*. Brasília: LGE, 1998, p. 218

<sup>4</sup> François Chesnais. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Xamã, 1996

<sup>5</sup> O termo bolchevique indica a linha política e organizativa imposta por Lênin ao Partido Operário Social-Democrático da Rússia, (P.O.S.D.R.) no congresso de 1903. BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Ed. Da Universidade de Brasília, 1986:115.

<sup>6</sup> Termo usado para designar a experiência comunista que Mao Tse-Tung implantou na China com a revolução de 1949. *Ibidem*, p.734.

representava o triunfo do centro capitalista<sup>7</sup> sobre as experiências socialistas e terceiro-mundistas, era esperado que o capitalismo iria prevalecer<sup>8</sup>.

A China comunista, por sua vez, que desde os anos 70 adotara as reformas visando sua modernização, abriu-se em várias zonas especiais para a implantação de indústrias multinacionais. A política de conciliar o investimento capitalista com o monopólio do poder do partido comunista, esvaziou o regime do seu conteúdo ideológico anterior. Pode-se dizer que desde então, só restou hegemonia no moderno sistema mundial, a economia-mundo capitalista, não havendo então nenhuma outra barreira a antepor-se à globalização<sup>9</sup>.

Enquanto que no passado os instrumentos da integração foram a caravela, o galeão, o barco à vela, o barco a vapor e o trem, seguidos do telégrafo e do telefone, a globalização recente se faz pelos satélites e pelos computadores ligados na Internet. Se antes ela martirizou africanos e indígenas e explorou a classe operária fabril, hoje se utiliza do satélite, do robô e da informática, abandonando a antiga dependência do braço em favor do cérebro, elevando o padrão de vida para patamares de saúde, educação e cultura até então desconhecidos pela humanidade.

Pode-se dizer que o domínio da tecnologia por um seleto grupo de países os separou dos demais. Hoje os países ricos, núcleos da globalização, distam, em qualquer campo do conhecimento<sup>10</sup>, anos-luz dos países pobres do Terceiro Mundo.

Para se entender as relações presentes no atual espaço globalizado, o próximo tópico deste ensaio discute os principais conceitos de globalização.

### **3. DEFINIÇÕES DE GLOBALIZAÇÃO**

A expressão globalização é de origem anglo-saxônica, tendo como sinônimo o termo mundialização, que por sua vez é de origem francesa. É utilizada como discurso ideológico e também como instrumento descritivo de uma suposta realidade a ser apreendida<sup>11, 12</sup>.

---

<sup>7</sup> Basicamente Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão

<sup>8</sup> Amado Cervo. *Relações Internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas*. Brasília: IBRI, 2001.

<sup>9</sup> François Chesnais. Op. cit.

<sup>10</sup> Quanto à exportação de produtos da vanguarda tecnológica (microeletrônica, computadores, aeroespaciais, equipamento de telecomunicações, máquinas e robôs, equipamento científico de precisão, medicina, biologia e químicos orgânicos).

<sup>11</sup> Ricardo Antunes. *Adeus ao mundo do trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1995.

<sup>12</sup> Jeremy Rifkin. *O fim dos empregos*. São Paulo: Makron, 1995

A globalização pode ser considerada como um processo histórico do capitalismo, sobretudo financeiro, cuja fase mais aguda afirmou-se no final do século XX. Entretanto se a globalização é uma realidade, não se deve ignorar sua utilização ideológica, a qual é muitas vezes, instrumento justificador dos Estados.

A partir da idéia que, a globalização está relacionada à existência de uma demanda a qual não se restringe apenas ao espaço territorial dos Estados, pode-se propor quatro definições<sup>13</sup> para a expressão:

- A primeira foi proposta por Theodore Levitt em 1983 para designar a convergência de todos os mercados. Para ele globalização e tecnologia seriam os dois principais fatores que moldariam as relações internacionais. A sociedade global funcionaria com baixos custos em razão da unicidade do mercado, ela venderia a mesma coisa, da mesma forma e em todos os lugares. A definição de Levitt aplicava-se à gestão das empresas transnacionais e às trocas internacionais.
- A segunda foi proposta em 1990 por Kenichi Ohmae, o qual relacionou a globalização com a existência de uma cadeia de criação de pesquisa e desenvolvimento. As empresas exportariam a partir de sua base nacional, depois estabeleceriam um sistema de venda e posteriormente, de produção no exterior. Finalmente, elas concederiam uma autonomia completa da cadeia de valor à sua filial, levando a uma integração global. A globalização identificaria uma forma de gestão, totalmente integrada em escala mundial, da grande firma transnacional. Para o autor, os diversos espaços nacionais seriam obrigados a sucumbir frente às exigências da produção mundial.
- A terceira definição decorreu da anterior, ou seja, as empresas transnacionais passaram a definir, segundo seus interesses, as regras do jogo definidas anteriormente pelos Estados. Os defensores da globalização enfatizavam seu caráter irreversível e indicavam a impotência dos governos perante a estratégia das grandes empresas. Passou-se da micro para a macroeconomia, das regras da

---

<sup>13</sup> Embasada na obra de Ricardo Seitenfus. *Relações Internacionais*. Barueri: Manole, 2004. p.175.

gestão privada para a identificação de políticas econômicas e para a própria redefinição do papel das instituições nacionais.

- A quarta definição indicou a transformação de uma economia internacional, já que sua evolução dependia da interação dos processos entre os Estados, para uma economia globalizada. Nessa economia globalizada, as economias nacionais seriam decompostas e depois rearticuladas em um sistema de transações operando no plano internacional. Essa definição é sistêmica e pretende enfatizar a ruptura ao conjunto de regimes internacionais que se sucederam desde o surgimento do capitalismo comercial. Ela indica que os governos perderam qualquer capacidade para influenciar a evolução da economia nacional e que os territórios submetidos ao modelo apresentam grande interdependência, tendendo a ser homogêneos. Enfim, a suposta atuação governamental, seria a partir dessa definição, apenas representativa.

#### **4. O ESPAÇO GLOBALIZADO**

Não se pode pensar que a globalização tende a homogeneizar o espaço mundial. Ao contrário, ela é seletiva, pois escolhe alguns lugares, certas atividades, determinados setores e poucos grupos ou segmentos sociais para serem mundializados e desfrutarem dos benefícios. Assim, enquanto muitos lugares e grupos de pessoas se globalizam, outros, às vezes bem próximos, ficam excluídos do processo.

Para se pensar o espaço de hoje, com as profundas alterações causadas pela globalização, é preciso ter presente alguns conceitos essenciais<sup>14</sup>: fábrica global, aldeia global, economia-mundo e interdependência.

A expressão fábrica global<sup>15</sup> indica que a produção e o consumo se mundializaram de tal forma que cada etapa do processo produtivo é desenvolvida em um país diferente, de acordo com as vantagens e possibilidades de lucros que oferece. Na atual etapa do capitalismo, a grande empresa transnacional pode conceber um produto nos Estados Unidos, desenvolver seu projeto na França, fabricar os

---

<sup>14</sup> Thomas Stewart. *Capital intelectual: a nova vantagem competitiva das empresas*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

<sup>15</sup> Ibid.

componentes na Coréia do Sul, realizar a montagem no México e comercializa-lo em todos os continentes <sup>16</sup>.

O conceito de aldeia global refere-se à existência de uma comunidade mundial integrada pela grande possibilidade de comunicação e informação que resultou dos avanços da mídia eletrônica, como o rádio, a televisão e as redes de informática através da internet.

Com a difusão mundial das empresas transnacionais, se rompem as fronteiras nacionais e se estabelece uma situação de interdependência econômica, inaugurando assim o que é chamado de *economia-mundo*.

No espaço globalizado, os conceitos de aldeia global, fábrica global e economia-mundo envolvem interdependência. Os países são dependentes uns dos outros, pois os governos nacionais não conseguem resolver individualmente seus principais problemas econômicos, sociais ou ambientais.

Pode-se dizer que, o “motor” da globalização é a competitividade, que assume um papel importante na economia e na sociedade, lugar que no início do séc. XX foi ocupado pelo progresso e, no pós-guerra, pelo desenvolvimento<sup>17</sup>.

Se a competitividade é o motor da etapa atual do capitalismo, a fluidez é a condição essencial para que a concorrência possa se exercitar em qualquer escala, especialmente a internacional. Por isso, aos agentes da globalização (fundamentalmente as grandes corporações internacionais), interessa a remoção de qualquer entrave à livre circulação do capital<sup>18</sup>.

Daí a tendência, ou pelo menos o desejo de abolir a fronteira nacional, a qual deixa de ser encarada como a faixa de descontinuidade, sobretudo de poder, que margeia os limites do território do Estado, para se tornar uma superfície amplamente permeável à passagem de produtos e idéias.

## **5. O ESTADO E AS EMPRESAS TRANSNACIONAIS**

Considerando o papel do Estado no cenário da globalização, observa-se a necessidade de sua reformulação sob diversos aspectos.

Toda a ação do Estado, e dos demais agentes, deve estar orientada para tornar possível o alcance e manutenção de níveis internacionais de competitividade por parte

<sup>16</sup> Gonçalves, R. *Globalização e desnacionalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>17</sup> Giovanni Alves. *Trabalho e Mundialização do Capital*. São Paulo: Práxis, 1999.

<sup>18</sup> Ibid.

dos diversos setores da economia<sup>19</sup>.

Pode-se dizer que a globalização exerce pressão crescente sobre os governos no sentido de incentivo à liberalização de suas políticas em diferentes setores, mesmo aqueles não diretamente vinculados ao setor externo.

Nos países desenvolvidos, as Empresas Transnacionais (ETNs), antes chamadas de multinacionais<sup>20</sup>, formam-se com o incentivo do Estado no setor privado. Quando ocorre a liberação da entrada das mesmas nos países menos desenvolvidos elas passam com o tempo a ocupar todos os espaços permitidos ao capital privado e, depois, muitas vezes os estatais<sup>21</sup>.

Pode-se dizer que existem três maneiras principais de considerar o relacionamento entre o Estado e as multinacionais<sup>22</sup>:

1. A teoria liberal, que vê as ETNs dirigindo o progresso e racionalizando o mercado mundial, e o estado passando a um papel marginal;
2. O modelo de 'dependência', que nega o efeito equilibrador das ETNs e benefícios em escala mundial, decorrentes de seu predomínio, e afirma estarem os ativos tecnológicos e financeiros concentrando-se cada vez mais em poucos centros, levando à dependência e ao subdesenvolvimento da periferia.
3. O modelo mercantil, que destaca o Estado-Nação como principal ator re-orientador da ordem mundial e contempla conflitos e entendimentos entre Estados e ETNs, por meio de blocos regionais.

A inserção de capital estrangeiro no Estado e a aliança entre Estado e multinacionais, demonstram um processo em que as ETNs ganham mais poder às custas do país receptor. Além disso, a fonte de desigualdades que muitas multinacionais se beneficiam, relaciona-se com as vantagens do país onde se instalam pelo fato de pertencerem ao espaço nacional<sup>23</sup>.

No esquema do tripé (estatal/capital estrangeiro/local), as ETNs entram somente

---

<sup>19</sup> Renato Baumann. *O Brasil e a Economia Global*. Rio de Janeiro: Campus: SOBEET, 1996, p. 49.

<sup>20</sup> Benayon, op.cit, p.17, acredita que a designação *multi*, dá a idéia enganosa de múltiplas nacionalidades. Porém sabe-se que são empresas as quais possuem uma matriz localizada no território de um Estado a qual lhe concede nacionalidade, possuindo ao mesmo tempo, filiais em outros Estados. Conforme Seintenfus, op. cit, p.129., as multinacionais exercem um controle acionário sobre empresas cujas atividades desenvolvem-se em vários países.

<sup>21</sup> Giovanni Alves op.cit

<sup>22</sup> Benayon, op.cit.

<sup>23</sup> Ricardo Antunes, op.cit.

com o controle da tecnologia, jamais transferidos ao País, o que lhes proporciona manter o controle real de tais empresas conjuntas. Porém, cabe ressaltar que os investimentos geralmente são feitos com recursos públicos. Como exemplo, cita-se o caso de parcerias como as feitas entre ETNs e a Companhia Vale Rio Doce no processamento de minerais.<sup>24</sup>

As ETNs, não estão dispostas a investir no país hospedeiro, na realidade, sequer elas precisam investir para obter os mercados, fonte das transferências de capital ao exterior. O próprio mercado e o Tesouro arcam com os custos dos investimentos, inclusive os juros.

Devido à pressão competitiva imposta por esse sistema, a posição e privilégios das indústrias locais ficaram condicionadas a fazer alianças com outros grupos de elite, e como a essência do modelo dependente é abrir-se aos investidores diretos externos, as ETNs, têm nele campo livre para afastar as indústrias locais, relegando-os a setores menos dinâmicos ou eliminando-os<sup>25</sup>.

As ETNs e os seus sistemas de poder dominam a vida social do País, de modo especial os subdesenvolvidos a partir do crescente poder econômico a elas concedido desde meados dos anos 50.

Esse processo culmina, nos anos 90, com o monopólio econômico e político das ETNs através de reformas na Constituição de 1988 e de algumas medidas antinacionais de iniciativa do Executivo. Destacam-se:

1. supressão de distinção legal entre empresas de capital nacional e de capital estrangeiro;
2. abertura da cabotagem <sup>26</sup> a armadores estrangeiros;
3. supressão do monopólio da União sobre o petróleo;

Para se fazer uma análise das relações existentes entre a globalização e a união entre os estados, é necessário entender como e por que a sociedade se tornou global ou mesmo transnacional. Portanto, esse é o tema a ser trabalhado no tópico a seguir.

## **6. SOCIEDADE GLOBAL E TRANSNACIONAL**

---

<sup>24</sup> Adriano Benayon op. cit. P. 218

<sup>25</sup> Ricardo Antunes, op.cit

<sup>26</sup> Navegação mercante em águas costeiras do país.



A expansão contínua, periódica e cíclica das relações, processos e estruturas capitalistas é fato reconhecido por todos. Também é consenso que o capitalismo é um modo de produção material e espiritual o qual pode ser visto como forma de organizar a vida e o trabalho. Da mesma forma é entendido como um processo civilizatório, que se expande continuamente pelo mundo.<sup>27</sup>

A partir dessas afirmações, pode-se entender que a globalização apresenta características muito particulares, como citam alguns autores<sup>28, 29</sup>:

- A energia nuclear tornou-se a mais poderosa técnica de guerra;
- A informática, dominada pelos países desenvolvidos, possui uma imensa capacidade de difundir e manipular informações;
- Organiza-se um sistema financeiro internacional;
- As relações econômicas mundiais são manipuladas pelos grandes conglomerados;
- O capital é volátil, movendo-se por todo o mundo;
- O inglês se transforma na língua universal;
- O neoliberalismo adquire predomínio mundial.

O processo de mundialização já vinha ocorrendo em décadas anteriores, porém nestes últimos anos acentuou-se de forma muito rápida.

A globalização não é um fato acabado, mas um processo em marcha. Enfrenta obstáculos, sofre interrupções, mas generaliza-se e aprofunda-se como tendência. Há nações e continentes como África e América Latina, nos quais pode avançar ainda muito.

Observa-se que em poucos anos terminou um ciclo da história e começou outro. Muitas coisas estão mudando no mundo, sejam elas sob aspecto social, econômico, político ou cultural. Ocorreu uma alteração nas relações de forças nas sociedades nacionais e mundial.

Terminou um ciclo importante de lutas de classes, mas não terminaram as desigualdades, tensões e contradições que estão na base da vida das nações e continentes.

---

<sup>27</sup> Octávio Ianni. *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>28</sup> Ibid.

<sup>29</sup> Thomas Stewart, op.cit.

A globalização das sociedades vem ocorrendo em décadas e séculos anteriores, deixando de existir as sociedades nacionais e surgindo em seu lugar a sociedade global.

Pode-se distinguir três épocas ou ciclos de grande envergadura na história do capitalismo as quais distinguem-se por suas peculiaridades, porém convivem e em muitos casos coexistem e confundem-se<sup>30</sup>:

1. O modo capitalista de produção organiza-se em moldes nacionais. Formas de vida e trabalho locais, regionais, feudais, comunitários, entre outros. Institui-se a produção de mercadorias, de valores de troca, a dissociação entre o trabalhador e a propriedade dos meios de produção.
2. O capitalismo organizado expande-se além fronteiras em busca de comércio, matérias-primas, expansão do mercado, novas fontes de lucros, e em geral centralizados em nações dominantes.
3. O capitalismo atinge uma escala propriamente global. Os processo de concentração e centralização do capital adquirem maior força, envergadura e alcance. Invadem cidades, nações e continentes, formas de trabalho e vida, modos de ser e pensar, produções culturais e formas de imaginar. É a sociedade global.

O dinamismo das forças que operam no mercado mundial, interferem nas características da sociedade nacional, tanto de países pobres e dependentes, como de desenvolvidos.

O Estado-nação perde algumas das suas prerrogativas econômicas, políticas, culturais e sociais e em diferentes níveis e arranjos, as organizações multinacionais ou multilaterais desenvolvem seus próprios desenhos do que podem ou devem ser as nações e os continentes.

São elaborados, e impostos, parâmetros e mecanismos rigorosos baseados na livre iniciativa e na liberdade econômica para os países que necessitam beneficiar-se de assistência externa tenham acesso a ela. O alcance mundial do capitalismo tem sido tão forte que todos os projetos nacionais de desenvolvimento, com pretensão de soberania, têm sido frustrados. Como exemplo, são os projetos do cardenismo no México, do peronismo na Argentina e do varguismo no Brasil

Os sistemas internacionais são o aspecto interestatal da sociedade à qual pertencem as populações submetidas a soberanias distintas. Constituem realidades

---

<sup>30</sup> Octavio Ianni, op.cit..

transnacionais a sociedade helênica, no séc V antes da era cristã e a sociedade européia no século atual.

A sociedade transnacional manifesta-se pelo intercâmbio comercial, pelos movimentos de pessoas, pelas crenças comuns, pelas organizações que ultrapassam as fronteiras nacionais, pelas cerimônias e competições abertas aos membros de todas as unidades políticas. Ela é tanto mais viva quanto maior é a liberdade de comércio, de movimentação e de comunicação; e quanto mais fortes forem as crenças comuns, mais numerosas serão as organizações não nacionais.<sup>31</sup>

Em todas as épocas a sociedade transnacional foi regida por costumes, convenções, ou por um direito específico. As relações que os cidadãos de um país estavam autorizados a manter com os cidadãos de um Estado inimigo, por exemplo, eram regidas mais pelo costume do que pela lei.

Convenções intergovernamentais precisavam do estatuto dos cidadãos de cada país que estivessem estabelecidos no território do outro. Com isso se vê que a legislação torna lícita ou ilícita a criação de movimentos transnacionais ou a participação em organizações profissionais ou ideológicas que pretendem agir num nível supranacional.<sup>32</sup>

Atualmente pode-se pensar na necessidade de um governo mundial dotado de poderes coercitivos sobre alguns Estados-nação que agem de forma contrária aos interesses planetários comuns. Por exemplo, uma administração racional do meio ambiente envolve restringir a soberania dos Estados e se mover na direção de mais autoridade supranacional.<sup>33</sup>

Contudo, os argumentos tradicionais contra a centralização global, ou a possibilidade de existir um Estado mundial permanecem fortes. O principal deles é que uma autoridade global dificilmente conseguiria cumprir com mais eficiência as funções hoje desempenhadas pelo Estado moderno.

Conforme a literatura salienta, se deveria pensar mais em termos de governança global ao invés de raciocinar em termos de centralização e governos globais. A governança diz respeito à criação e o funcionamento de instituições sociais capazes de solucionar conflitos, facilitando a cooperação, ou, mais genericamente aliviando problemas de ação coletiva em um mundo constituído por atores interdependentes<sup>34</sup>.

---

<sup>31</sup> Aron, R. Paz e guerra entre as nações. Brasília: Ed. UNB, 1979, p. 103.

<sup>32</sup> Aron, R, op.cit.

<sup>33</sup> Andrew Hurrell. *Sociedade internacional e Governança Global*. São Paulo: Lua Nova, 1999, n 46.

<sup>34</sup> Ibid.

## 7. INTEGRAÇÃO ECONÔMICA E GLOBALIZAÇÃO

A integração econômica é um processo de eliminação de fronteiras e barreiras de natureza econômica entre dois ou mais países (mercados), de forma que o objetivo principal dos processos de integração é a criação de mercados maiores, adotando como paradigma, a sugestão clássica segundo a qual os mercados maiores são mais eficientes do que os mercados menores.<sup>35</sup>

Alguns agrupamentos de países invocam a estreiteza de seu mercado consumidor nacional como argumento à integração, como é o caso do Mercado Comum Centro-Americano (MCCA), do Pacto Andino (PA) e do acordo que reuniu a Bélgica, a Holanda e Luxemburgo (Benelux).

Outros, ao contrário, objetivam integrar-se economicamente em função de guerras e de desavenças entre os países no passado, no sentido de superá-las. Esse é o caso da Comunidade Européia do Carvão e do Aço (Ceca).

Finalmente, há quem enxergue a integração como uma plataforma para uma inserção de maior qualidade das relações entre os países, pois ela oferece instrumentos de ação multilateral. A existência do Mercosul pode ser assim explicada.<sup>36</sup>

Através da visão de alguns autores, observam-se profundas assimetrias relativas ao processo de globalização, sem a devida capacidade de absorção pelas economias dependentes e frágeis, como a do Brasil. Porém, pode-se dizer que a abertura comercial nos anos 90 possibilitou ao país um maior grau de competitividade, exigindo principalmente das grandes indústrias sua reestruturação, pois seu parque industrial se encontrava obsoleto decorrente da falta de investimentos nos anos 80.

No entanto, o grande malefício advindo da globalização é a incapacidade de regulamentar o capital especulativo, deixando as economias nacionais sujeitas ao mesmo. É relevante destacar, que esses capitais erráticos, aumentam a exclusão social e o desnível entre as economias do eixo norte e sul.

A globalização é um fenômeno extremamente abrangente, o qual ultrapassa as fronteiras, afetando os mais diversos setores da sociedade, como cultural, social, financeiro, econômico e educacional. Este fenômeno é facilitado pela rapidez das

---

<sup>35</sup> João Bosco M. Machado. *Mercosul: processo de integração – origem, evolução e crise*. São Paulo: Aduaneiras, 2000 p. 19.

<sup>36</sup> Ricardo Seitenfus, op. cit., p. 203.

comunicações e transportes e alimentado pela informática, como conseqüência a globalização rompe todos os limites imaginados.

Assim pode-se dizer que os arquitetos globais, em grande parte, são as transnacionais que desafiam e preconizam um novo estagio de soberania estatal.

As empresas transnacionais embora desenvolvam produtos onde antes eram inexistentes, também podem utilizar-se de estratégias competitivas altamente acirradas, eliminando as pequenas indústrias locais, exercendo monopólio da produção. O grande poder que as transnacionais assumiram tanto econômico como político, repercute nas discussões sobre soberania dos Estados.

Todavia, os Estados conduzidos pela política neoliberal, estão direcionando-se à políticas públicas mínimas, perdendo poder de atuação no cenário econômico, restringindo-se apenas à condução de políticas econômicas monetaristas.

As privatizações de empresas estatais no Brasil se elevaram muito na década de 90. Isso ocorreu devido principalmente às pressões do FMI e às diretrizes do neoliberalismo. Mas, a má condução destas privatizações, não resultou em grandes benefícios para o país, parte do pagamento foi direcionado para cobrir déficits fiscais. Porém se faz necessário um controle maior, devido à corrupção que envergonha a política e a condução deste país.

Deve-se prestar atenção para a desnacionalização da economia brasileira e a vulnerabilidade externa agravada pela entrada de empresas estrangeiras no país e o avanço do processo de fusões e aquisições, em que se observa o predomínio do capital estrangeiro.

Essas transformações alimentadas pela globalização resultam em um choque nas relações trabalhistas. A implementação da produção enxuta ocasiona a diminuição do emprego formal, devido à incorporação da microeletrônica e da robótica. O perfil que se exige do trabalhador é um indivíduo participativo com habilidades cognitivas e com capacidade de aprender com a flexibilidade da produção<sup>37</sup>.

O novo capital que a economia preconiza é o conhecimento. Porém, o Brasil ainda enfrenta taxas elevadas de analfabetismo, e agora também o analfabetismo digital. O sistema educacional ainda não atende as necessidades dos cidadãos, tanto na formação humana quanto na formação para a economia globalizada.

---

<sup>37</sup> Gonçalves, R. op. cit.

Muitos indivíduos partem para a economia informal, que mais cresce no país. Porém, a precarização do emprego, a perda dos direitos conquistados pelos trabalhadores e o enfraquecimento dos sindicatos, permeiam esta construção de economia globalizada.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS - RELAÇÃO ENTRE OS CONCEITOS DE GLOBALIZAÇÃO E DE INTEGRAÇÃO (REGIONALIZAÇÃO)**

Acredita-se que a integração econômica, através da formação de blocos regionais, aparece como uma estratégia dos países para proteger-se dos aspectos negativos da globalização.

A ampliação de um espaço econômico integrado parece ser uma alternativa, não para frear o processo de globalização, mas para que os países busquem ordenamentos comuns, respeitando a sua própria pluralidade cultural, econômica e social, elevando assim as chances de diminuir a exclusão e projetar os setores já bem desenvolvidos.

A formação de blocos vai ocorrer neste contexto, alimentada por sistemas de forças originalmente antagônicas: eliminar fronteiras, de um lado; preservá-las, de outro.

Depois da formação do Mercado Comum Europeu, ou União Européia, em 1993, outros blocos se constituíram, cada qual reunindo um conjunto de países geralmente vizinhos ou territorialmente próximos entre si. Afora a União Européia, os mais importantes são o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), o Mercado Comum do Sul (Mercosul), a Zona de Livre Comércio do Sudeste Asiático (ASEAN) e o Fórum de Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC).

Alguns acreditam que o bloco é produto, sobretudo do vetor preservacionista da fronteira e, no fundo, do Estado Nacional. Buscando uma integração maior ou menor entre seus membros, notadamente econômica, o bloco seria a maneira dos países se fortalecerem em conjunto, evitando enfrentar isoladamente a concorrência internacional. Uma vez que, o livre-cambismo aparece apenas no discurso, pois na prática o protecionismo não desapareceu.

Outros, contudo, vêem a formação de blocos como uma escalada no sentido da abolição de fronteiras, pelo menos econômicas, constituindo uma regionalização do espaço que tende a se tornar integralmente global.

Os blocos seriam, portanto, um estágio da globalização, uma etapa intermediária e até indispensável desta, onde cada um se apresentaria como um espaço sem entraves fronteiriços, no qual se podem exercitar livremente os processos que aos poucos haverão de dominar o mundo.

A relação regional/mundial está presente na tendência de os blocos fazerem alianças de comércio entre si, de tal modo que pertencer a um deles significa para um país ter acesso ao mercado de um bloco aliado. Em resumo, o sistema de blocos favorece a acumulação em escala nacional e em consequência fortalece ainda mais os agentes da globalização.

## **9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Giovanni **Trabalho e Mundialização do Capital**. São Paulo: Práxis, 1999.

ANTUNES, R. **Adeus ao mundo do trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.

ARON, R. **Paz e guerra entre as nações**. Brasília: Ed. UNB, 1979: 103.

BAUMANN, R. **O Brasil e a economia global**. Rio de Janeiro: Campus: SOBEET, 1996.

BENAYON, A. **Globalização versus desenvolvimento**. Brasília: LGE, 1998.

BOBBIO, N; MATEUCCI, N; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Brasília: Ed. Da Universidade de Brasília, 1986:115.

CERVO, A. L. **Relações Internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas**. Brasília: IBRI, 2001.

CHESNAIS, F. **A Mundialização do Capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

GOLÇALVES, R. **Globalização e desnacionalização**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HURRELL, A. **Sociedade internacional e governança global**. São Paulo: Lua Nova, 1999, n 46.

IANNI, O. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

IANNI, O. **A Sociedade Global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LACERDA, A. C de. **O impacto da globalização na economia brasileira**. São Paulo: Contexto, 1998.

MACHADO, J. B. M. **Mercosul: Processo de Integração, origem, evolução e crise**. São Paulo: Aduaneiras, 2000.

RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos**. São Paulo: Makron, 1995.

SEITENFUS, R. **Relações Internacionais**. São Paulo: Manole, 2004.

STEWART, Thomas A. **Capital intelectual**: a nova vantagem competitiva das empresas. Rio de Janeiro: Campus, 1998.